

CAMINHOS TEÓRICOS PARA A LEITURA LITERÁRIA DE PRÁTICAS DE RESISTÊNCIA SUBALTERNA

Giselle Rodrigues Ribeiro*

* Universidade de São Paulo – USP.

E

Resumo

Esta comunicação nasce da percepção de que as vozes de indivíduos subalternizados, embora muitas vezes explicitadas no texto literário, passam frequentemente despercebidas no processo analítico desses textos. É a nossa crença de que isto se deve a uma colonização das nossas perspectivas cognitivas – e não a uma negligência preconcebida – o que nos motiva, conseqüentemente, a realizar uma discussão em torno do referencial teórico que apóia o leitor e/ou o crítico durante uma análise literária. Nosso interesse é defender a opção por um arcabouço teórico que abrace uma perspectiva analítica descolonizada. Uma perspectiva capaz de auxiliar o interessado em literatura a transcender o enfoque dado à caracterização da opressão que demarca a existência subalterna, e um referencial teórico que potencialize a atenção do leitor para com as estratégias de resistência postas em movimento, pelo indivíduo marginalizado, para garantir as condições necessárias à sua sobrevivência. Assumindo, neste texto, a desconstrução das subalternidades como opção ético-políticoepistemológica, destacaremos alguns conceitos teóricos de Hassan Zaoual, intelectual marroquino, que contribuem, pertinentemente, a nosso ver, para a consecução desta tarefa.

Palavras-chave: Estudos literários; Crítica literária, Teoria literária; Subalternidades; Perspectiva descolonial.

Este texto pretende surgir como uma conversa em que se trata da escolha dos referenciais teóricos utilizados para dar suporte à leitura de textos que integram o *corpus* das literaturas africanas de língua portuguesa. Retomaremos, de fato, alguns dos conceitos abordados em minha dissertação de mestrado, em que propus alguns “Caminhos teóricos para a leitura literária de práticas de resistência subalterna”, o que fazemos com a intenção de oferecer ao leitor uma sugestão de leitura.

No começo deste percurso, caberia ressaltar, de antemão, que, ao estudarmos as literaturas africanas de língua portuguesa no Brasil, não podemos esquecer o muito de racismo que ainda permeia as relações sociais e pessoais em nosso país. Não podemos esquecer, igualmente, que mesmo aqui, onde a matriz cultural africana é muito forte, como um dos elementos constituintes de nossa nação, a África é também um continente esquecido, lembrado e compreendido, na verdade, por poucos.

Seja pelos negros que escolheram desenvolver uma prática de re-vivência de elementos da cultura e da ancestralidade africana em seu cotidiano, seja por curiosos perseverantes, de mente aberta e esclarecida, que tentam, por conta própria, conhecer ou entender mais sobre as especificidades e excentricidades do continente, seja por profissionais ou intelectuais, encontrados nas academias e escolas, por exemplo, e que dedicam, por algum interesse ou paixão, horas preciosas de trabalho ao estudo e à divulgação das riquezas, mazelas e complexidades da África.

Neste sentido, e porque podemos dizer que o senso-comum brasileiro revela, muitas vezes, um conhecimento desbaratado sobre o continente africano, é que ao estudarmos as literaturas produzidas na África, independentemente de serem elas escritas em língua portuguesa, devemos estar muito atentos, para que não corramos o risco de deixar pré-conceitos mal esclarecidos e mal resolvidos intervirem em nossa prática reflexiva e interpretativa.

É essa uma das razões, portanto, que nos leva a crer na importância de se oferecer uma atenção redobrada ao processo de seleção da teoria que deverá subsidiar as análises feitas nos estudos literários. No caso das literaturas africanas de língua portuguesa, por exemplo, acreditamos que deve ser admitido com reservas o afã revelado por alguns diante do propósito que, a princípio, pode parecer fascinante, de elaborar um estudo que parta de uma perspectiva pós-colonial - "O que é (o) pós-colonial, afinal?" Dentre as várias razões que poderíamos apontar para isso, gostaríamos de referir apenas duas, por ora.

Primeiro, Elikia M'bokolo nos ensina que existe "um grande número de pessoas que abordam a situação pós-colonial a partir de uma posição colonial" (M'BOKOLO, 2006, p. 1). Esta ocorrência, que ele entende como "um pouco paradoxal", refletiria "o modo como num certo número de países, a memória, a memória incontrolada, ou a memória espontânea das pessoas, evoca por vezes a situação colonial como um espaço de comparação" (M'BOKOLO, 2006, p. 1). E esta atitude, independentemente da forma como se dê, consciente ou inconscientemente, demonstra que muitas vezes o termo pós-colonial atua apenas como uma fachada, de forma pretensamente inovadora, e sem prescindir de visões historicamente distorcidas.

Em segundo lugar, agora tendo em vista a teoria pós-colonial, precisamos atentar "ao idioma no qual essa teoria vem sendo majoritariamente divulgada". Conforme Angela Prysthon,

Não se pode esquecer que o conceito de pós-colonial foi se acomodando dentro dos limites de um território linguístico determinado

– o da língua inglesa. Mesmo que se isso (*sic*) não implique na negação de espaços a abordagens de outras experiências pós-coloniais, demarca o lugar especial que ocupam as ex-colônias (que só no século XX se tornaram ex-colônias, cabe lembrar...) europeias – especialmente britânicas – da Ásia, África e Caribe nas universidades anglo-americanas hoje. (PRYSTON, 2004, p.5)

Este raciocínio, porém, não nos impede de acreditar na existência de uma “razão” pós-colonial, que entendemos como “um grupo diverso de práticas teóricas que se manifestam por causa das heranças coloniais, no cruzamento da história moderna europeia com as histórias contra-modernas colonias” (MIGNOLO, 1996, p. 2 - tradução nossa). E de defender, portanto, uma perspectiva teórica que, posicionada junto aos subalternizados, lute por um deslocamento do *locus* de enunciação “do Primeiro ao Terceiro Mundo¹” (MIGNOLO, 1996, p.11 - tradução nossa), ao mesmo tempo em que possui “capacidade tanto para transformar o terreno epistemológico como também o social e cultural”, podendo, ainda, ajudar a “redefinir e a restabelecer a função das Humanidades em um mundo transnacional, no qual elas são ao mesmo tempo o resultado das várias heranças coloniais e imperiais.” (MIGNOLO, 1996, p.23 - tradução nossa).

Conservamos a nota feita por Mignolo: “Se me ha dicho en un par de ocasiones que no debería de hablar de Primero, Segundo ni Tercer mundos porque tales entidades no existen. Quisiera enfatizar aquí que no estoy hablando de las entidades, sino de las divisiones conceptuales del mundo que, como tales existieron y todavía existen aunque la configuración del mundo no es la que inspiró dicha distinción. Siento la necesidad de disculparme por presentar esta anotación, a la vez que no puedo evitarla.” (1996, p.11).

Sendo assim, gostaríamos de aproveitar esta ocasião para mencionar um teórico de importância na área dos estudos Econômicos e da Administração, cujos conceitos de “sítio simbólico de pertencimento” e de *homo situs* nos parece ter a propriedade de conseguir estimular análises produtivas no campo das literaturas africanas de língua portuguesa. Isso porque nos despertam para a importância de se pensar em um pluralismo interativo e na necessidade prévia de conhecimento do outro e de introspecção, para que se possa fazer considerações ou elaborar projetos que envolvam um sítio simbólico de pertencimento que não é o nosso.

Foi dando ênfase para questões acerca do “desenvolvimento transposto”, um desenvolvimento que se assenta na transferência mecânica e pouco pensada de modelos econômicos e administrativos para os países do Sul, que Hassan Zaoual produziu o livro **Nova economia das iniciativas locais**: uma introdução ao pensamento pós-global.

Nesta produção, Zaoual adota uma abordagem configurada por “uma ‘plasticidade conceitual’ capaz de pensar o diverso, o múltiplo, o movente, em suma, a complexidade dos fatos da economia e da sociedade” (ZAOUAL, 2006, p.17 - grifo do autor). Com isso, ele não só é capaz de refletir sobre práticas locais, com ênfase em seus atores e em seus comportamentos culturalmente determinados, como pôde criar um universo teórico paradigmático que faz frente aos “valores utilitaristas, mercantis e instrumentais” que conduzem a ciência econômica (ZAOUAL, 2006, p. 16). Falamos da “sitiologia” ou teoria dos sítios simbólicos de pertencimento.

O universo do paradigma dos sítios simbólicos de pertencimento de Zaoual surge levando em consideração “as múltiplas dimensões da existência humana: identidade, civismo, cidadania, ajuda mútua, solidariedade, qualidade de vida” (ZAOUAL, 2006, p. 17). A isto se

dedica com consciência da “grande relatividade de nossas categorias intelectuais”, o que, portanto, leva o teórico a estabelecer a necessidade de proceder, no percurso de busca da compreensão e dos tratamentos das situações dos humanos, com “humildade científica” (ZAOUAL, 2006, p. 17).

Esta é uma postura ética que, segundo Zaoual, leva à elaboração de uma “epistemologia suave, contrariamente às ciências do homem que persistem em imitar, compulsivamente, os antigos modelos obsoletos das ciências ditas exatas” e que em decorrência disso, “perdem de vista o homem e sua complexidade” (ZAOUAL, 2006, p. 17).

Como sua origem está no fracasso dos modelos econômicos, a teoria do sítio simbólico propõe a substituição de um diminuído *homo oeconomicus* pela configuração do *homo situs*, o homem da situação. Esta noção, de acordo com Zaoual, almeja “apresentar o homem concreto em sua multiplicidade e singularidade” (ZAOUAL, 2006, p. 31). É ele, especificamente, o ator protagonista em um espaço vivido, isto é, no sítio simbólico de pertencimento, é “um homem concreto que sabe o que faz”, e não um “idiota cultural” (ZAOUAL, 2006, p. 50).

O fato de este livro se atentar à consideração de modelos de economia e de administração não deve se configurar, em momento algum, um fator de desestímulo para a sua consideração. Ao contrário, esta teoria torna-se digna de nota porque, como afirma Ana Clara Ribeiro, professora do Instituto de Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e que prefaciou esse livro na sua versão editada no Brasil, “desnuda comandos do capitalismo que se escondem por trás dos modelos de desenvolvimento veiculados nos países periféricos, nas sociedades do Sul” (ZAOUAL, 2006, p. 9). Mas, além disso, e o que é particularmente interessante, dedica uma atenção cuidadosa ao papel das crenças em sociedade, atentando para o reflexo que têm na economia.

Embora o trabalho com literatura não pertença ao âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, desatrelando-se, naturalmente, das Ciências Econômicas, cabe ressaltar que todos somos entes sociais, inseridos em e produtores de culturas diversas. Estas culturas, que encontram nas crenças muito de seus elementos fundacionais – estando aí a primeira forte justificativa para o interesse da elaboração de Zaoual – são, igualmente, moldadas pela lógica de mercado perpetrada pelo sistema capitalista. Lógica esta que, reiteradamente, faz com que indivíduos habitualmente relegados à esfera da subalternidade – como os africanos, os afrodescendentes, os homossexuais e as mulheres, de formas diferenciadas certamente – tornem-se, por vezes, elementos de alto interesse mercadológico. Ou, em outras palavras, tornem-se representativos de nichos especializados de mercado que, ao envolver um fluxo de capital considerável, conseguem relativizar a ojeriza racial, a ojeriza sexual e a de gênero – aquela que for – em prol do usufruto comercial.

Este fato que independe de nossa concordância é um dos exemplos capazes de mostrar como a vida dos seres subalternizados atrela-se, sim, a questões econômicas, posicionando-se, logo, a sitiologia como uma teoria oportuna para a abordagem de domínios do qual não fazemos

parte ou, ainda, para o interesse de considerar a literatura produzida em espaços ou por povos subalternizados.

Enfim, para encerrar esta “conversa”, seria possível oferecer uma definição sumária dos dois conceitos elaborados por Zaoual. Mas pensamos que isso seria simplificar e, talvez, equivaleria a retirar o suspense da descoberta de um mundo conceitual que para vários poderá importar.

Sendo assim, preferiremos deixar reservado o espaço que potencialmente nos caberia para a continuação deste texto, de forma que possa ser disponibilizado a você, caro leitor. Gostaríamos que dedicasse alguns instantes para pensar a respeito e, quem sabe, esboçar algumas linhas sobre suas experiências como um “pesquisador-caçador de teoria”.

Neste momento final, só nos resta ressaltar o nosso interesse de ter despertado em você o desejo de conhecer mais sobre Hassan Zaoual. Mas se isto não tiver sido possível, esperamos, ao menos, ter lançado a semente de incentivo para uma escolha minuciosa e criteriosa do referencial teórico que o poderá apoiar no processo de estudo das literaturas africanas de língua portuguesa. Escolha esta que deve ser feita munindo-se de uma perspectiva cognitiva descolonizada certamente.

ABSTRACT

This presentation arises from the perception that the voices of subordinate individuals, although often presented in literary texts, are often missed in the analysis of these texts. It is our belief that this is due to the colonization of our cognitive perspectives (and not to a preconceived negligence) what motivates us, therefore, to hold a discussion on the theoretical framework that supports the reader and/or literary critic while they are involved in the process of literary analysis. Our interest is to defend the choice of a theoretical framework that supports a decolonised critical perspective. A perspective able to help everyone who is interested in literature to transcend the approach given to the characterization of the oppression that marks the subordinate existence, and a theoretical framework that empowers the reader's attention to the strategies of resistance set in motion by the marginalized individual, to ensure the conditions necessary for their survival. Assuming, in this paper, the deconstruction of subalternities as an ethical, political and epistemological choice, we will highlight some theoretical concepts developed by Hassan Zaoual, a Moroccan intellectual, ideas that certainly contribute, in our view, to achieve this task.

Key words: Estudos literários; Crítica literária; Teoria literária; Subalternidades; Perspectiva descolonial.

REFERÊNCIAS

M'BOKOLO, E. "De que falamos quando falamos de pós-colonial, sentidos do pós-colonial e do póscolonialismo?" – Entrevista. In: CABO DOS TRABALHOS – REVISTA ELECTRÓNICA DOS PROGRAMAS DE DOUTORAMENTO DO CES/FEUC/FLUC – PÓS-COLONIALISMOS E CIDADANIA GLOBAL, n. 2, 2006. Disponível em: <<http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n2/entrevistas.php>>. Acesso em 20 jan 2010.

MIGNOLO, W. "Herencias coloniales y teorías postcoloniales". In: GONZÁLES STEPHAN, B. (Org.) **Cultura y Tercer Mundo** - 1. Cambios en el Saber Académico. Caracas, Venezuela: Nueva Sociedad - Nubes y Tierra, 1996, p.99-136. Disponível em: <<http://caosmosis.acracia.net/wp-content/uploads/2007/08/mignolo-herencias-coloniales-y-teorias-postcoloniales.pdf>>. Acesso em 22 dez 2009.

PRYSTHON, A. "Interseções da teoria crítica contemporânea – Estudos Culturais, Pós-colonialismo e Comunicação". In: E-COMPÓS, v.1, 2004. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/7/8>>. Acesso em 05 jan 2010.

RIBEIRO, G. R. **Caminhos teóricos para a leitura literária de práticas de resistência subalterna**. 2010. 98f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-27092010-162632/pt-br.php>>. Acesso em 02 dez 2010.

ZAOUAL, H. **Nova Economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global**. Tradução de Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A: Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ, 2006.